

NESTE DESFILE, (NÃO) SEREI ORLANDO

Diziam: Ele! (pois não tinham a menor dúvida quanto ao meu gênero, embora comentassem dos meus desvios).

Digo: Eu (pois não havia dúvida sobre quem eu era, apesar de estar sempre em trânsito).

Eu, neste desfile, serei Orlando.

Precisarei me fantasiar, certamente, pois não tenho nada de um jovem e nobre inglês com “um par das mais lindas pernas em que um jovem da nobreza já se apoiou”.

Sorte que este desfile é fruto da ilusão.

Tarefa difícil me enredar como Orlando nos últimos suspiros do século XVI, com a tomada de consciência de que ao olhar para o objeto da poesia, não há mais como escrever. Afinal, “o verde na natureza é uma coisa, o verde na literatura é outra”.

Estou aos pés de um carvalho solitário no topo de uma colina. Não amo apenas as flores de jardim; as selvagens e as ervas daninhas também me fascinam. Por isso sou amado tanto pela rainha quanto pelas tortuosas ruas elisabetanas, pela corte e pelas cervejarias.

Quão esplêndido é ser um jovem nobre? Na Grande Geada, enquanto camponeses sofrem na extrema miséria, desfrutamos com cortes estrangeiras um carnaval de brilho máximo. E entre bailados, patinações e fogos de artifício, a fria paisagem foi cenário para uma calorosa paixão. Quem seria aquela pessoa, “qualquer que fosse seu nome ou sexo”, que parecia ser um “melão, abacaxi, oliveira, esmeralda ou raposa na neve”? Qualquer que fosse a metáfora, a princesa russa Sasha aqueceu a neve do meu coração, mas logo toda essa água tornou-se uma avassaladora correnteza. Sob pancadas de chuva, como se tivesse sido “picado por uma multidão de cobras, cada qual mais venenosa que a outra”, tudo que foi congelado se revela como imagem de tragédia.

Ah! Que bom ser Orlando e poder passar anos e anos de isolamento em uma casa no campo. Ao atravessar as portas da morte e conhecer as chamas do inferno, os sintomas de minha doença se agravaram. É uma grande enfermidade ser poeta. “Pois, uma vez que a doença da leitura se instale no organismo, enfraquece-o, tornando-o presa fácil desse outro flagelo que habita no tinteiro e apodrece na pena. O infeliz dedica-se a escrever”. E escrevo, escrevo, escrevo. Minhas memórias costumam palavras para lá e para cá, tramando volumes e mais volumes de folhas de

papel. Ambicioso a glória. Ou melhor: a “glour”. Mas mesmo a crença nos poetas é passível de desilusão. “Amor e ambição, mulheres e poetas eram igualmente vãos. A literatura era uma farsa”. Definitivamente, cansei dos homens. Prefiro os galgos, assim como eu, de família real. Mas ser Orlando me faz continuar a pensar. Estou sempre sempre sempre pensando. Sigo sempre “mergulhado por muito tempo em profundos pensamentos quanto ao valor da obscuridade, o prazer de não ter um nome, mas ser como uma onda que retorna às profundezas do mar”. Me interesso pelas quebras de ser uma onda. Com tanta fortuna, posso preencher o vazio das frustrações com uma série de pratarias e tapeçarias, ou mesmo com suntuosos festejos para outros nobres e cavalheiros vizinhos. Ledo engano: ao menor ruído do bater de asas do amor, só me resta deixar tudo e partir para outra realidade.

Como sou Orlando, em uma situação dessas, posso ir como embaixador extraordinário para Constantinopla. Certamente são meus méritos, e não minhas belas panturrilhas, que me conferem a Ordem de Bath e o título de duque. É justamente por ser, aqui, Orlando, que me valho da possibilidade de oferecer apenas incompletudes. Ainda que eu tentasse lhe contar algo inteiro sobre mim a partir dos fragmentos, seria necessário “especular, supor e mesmo usar a imaginação”. Pois digo apenas que, em minhas andanças, visito outros embaixadores e dignitários para cerimônias que terminam com um cachimbo sem tabaco e uma xícara de café sem café. Tudo é simbólico. Todos sabem que, nesses casos, só precisamos fingir. Só não finjo quando estou em um misterioso transe, que mesmo a terrível e sangrenta insurreição dos turcos contra o sultão é incapaz de me acordar. Somente a visita de Nossa Senhora da Pureza, Nossa Senhora da Castidade e Nossa Senhora da Modéstia poderiam me cobrar “A VERDADE!”. Mas não sei o que é a verdade.

Verdade! Verdade! Verdade! Não tenho escolha senão confessar: eu sou uma mulher. E a mulher de dentro de mim fugiu do seu texto.

Lembro-lhe que sou Orlando e deixo a cidade escoltada por um cachorro magro e montada num burro, em companhia de um cigano. Vivo com os ciganos, mas invariavelmente com a doença do amor à natureza e à metáfora. Observo a natureza e comparo a inúmeras coisas. “As árvores eram bruxas espirradas, e os carneiros eram seixos cinzentos. Tudo, na verdade, era outra coisa”. Eu mesma sou outra coisa. Somente por ser Orlando retorno à Inglaterra em um navio mercante, pagando a passagem com uma pérola de meu colar. É válido dizer, no entanto, que minhas pernas estavam entre meus maiores encantos, mas que toda minha beleza é agora

adequadamente e moralmente coberta. E o que estava coberto, em minha volta para casa, decidi descobrir, ou seja, revisitar o passado. “Estou crescendo”, penso enquanto seguro uma vela. “Estou perdendo algumas ilusões, talvez para adquirir outras”, reflito entre as tumbas onde jazem os ossos de meus antepassados. Tento, então, viver a ilusão de minha nova identidade à procura pela vida e um amor. Sou consumida pelo tédio ao passar “todas as minhas manhãs observando varejeiras azuis com um arquiduque”. Me reúno com intelectuais e com a tal sociedade, faço amizade com putas e sirvo chá para grandes poetas. “É tudo ilusão (o que não é nenhum mal, pois as ilusões são as mais necessárias e valiosas de todas as coisas, e aquele que pode criar uma está entre os grandes benfeitores do mundo)”. Ser Orlando me faz compreender como a vida é mesmo um sonho e como acordar é o que nos mata.

Quem dera se tudo fosse flores do rococó. Há passagens de nossa existência em que um ar tenebroso toma os céus. “Um turbulento redemoinho de nuvens cobriu a cidade. Tudo era treva; tudo era dúvida; tudo era confusão. O século XVIII terminava; começava o século XIX”. E mesmo tendo afinidade com a poesia, ela teima em fugir. Escrever, então, se torna um exercício de muita dificuldade. O corpo vibra sem parar, como se algo faltasse para o seu pleno funcionamento. Parece faltar o espírito da época. Quando este é contra o nosso temperamento, por mais que haja luta, ele pode nos derrotar. Assim, rodeada por um mundo inteiro circundado por anéis de ouro que brilham na maioria das mãos, me vejo a também procurar meu par. Gostaria de ser noiva da natureza, de ter o pântano como companheiro. Mas, como ser Orlando também envolve alguns acontecimentos extraordinários, apaixono-me por Marmaduke Bonthrop Shelmerdine, ilustríssimo senhor. Mesmo que houvesse suspeitas de que Shel fosse uma mulher e eu fosse um homem, o Estado declarou que - indiscutivelmente e sem sombra de dúvida - meu sexo é feminino. E a sociedade, ao saber disso, enche-se de regozijo e celebra como se fosse algo de suma importância. Mas enquanto tudo isso acontece, prefiro o silêncio do bosque na companhia de Mar, com aquelas conversas banais que são frequentemente as mais poéticas. E ao primeiro sinal do vento que faria Shel ir em direção ao cabo Horn, casamo-nos para que eu pudesse ter, enfim, um anel dourado no dedo.

Mesmo com um anel no dedo, ainda desejo, “mais do que qualquer coisa no mundo, escrever poesia”. Mergulho a pena na tinta e percebo que faço parte da época, mas ainda sou eu mesma. Escrevo. Escrevo. Escrevo. Penso e imagino. Percebo que

durante todo o tempo em que escrevo, o mundo continua. Ser Orlando no século XX, em que homens, mulheres e crianças preenchem as calçadas da cidade aos berros, me leva à conclusão “de que não havia nem ordem nem sentido em nada”. Procuo sentido, ao menos, em atender o desejo do meu coração e da minha poesia: ser lida. Isso me leva a outra conclusão: estou crescendo - “o que não necessariamente significa ficar melhor”. Querer ser lida me faz ler os outros também, e tudo aquilo que olho se torna não aquilo mesmo, mas outra coisa ainda maior, mas sem deixar de ser a mesma coisa. Certamente, nada é mais uma coisa só. Tento inventar alguma forma de sincronizar os setenta e seis tempos que batem simultaneamente em meu corpo e as duas mil e cinquenta duas pessoas que moram em mim. Chamo: Orlando? Estou cansada de ser eu. Retorno aos pés do carvalho. Sinto suas grossas raízes e gosto de pensar que cavalgo o dorso do mundo. A noite chega e “os reflexos no poço escuro da mente brilham mais claros do que de dia”. Sou tomada por uma calma e a paisagem perde sua substância, tornando-se fantasmagórica. Do céu, vem um pássaro selvagem e solitário: um ganso! Ele me leva para atravessar o portal da poesia.

Eu disse antes que neste desfile seria Orlando, mas dada tal travessia, preciso novamente confessar: de tanto ser Orlando, não o sou somente.

Na verdade, que é uma ilusão, o fantasioso ganso me trouxe ao século XXI, no qual minha nobreza vem do samba. Afinal, não seria este um enredo carnavalesco? Então, neste desfile, serei a corte dissidente de corpos metafóricos e alegóricos, constituída pela síncope e pela transformação. Tenho outros nomes reais que fazem parte do meu sonho. Percebo, enfim, que só me escrevo quando assumo o poder de fazê-lo. Sou a linguagem e o discurso. Sou uma identidade que samba e por isso incompleta, incerta, de espaços vazios e de tempos requebrados. Ao roncar das cuícas, na fricção de não ser uma coisa só, respiro com alívio a deleitosa poesia: nesta vida, eu sou um samba.

Nota: As citações entre aspas são do livro “Orlando”, de Virginia Woolf. Tradução de Laura Alves. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.